

POVO

Com medo, todos pedem reforma

FERNANDO PINTO

Repórter Especial

Balconista e Estudante — Márcia Diógenes, de 17 anos, trabalha de dia como balconista de uma loja em Taguatinga e cursa o 3º ano colegial no período noturno. "Acho que o Brasil tem salvação, mas é preciso consertar muita coisa neste país, começando com a construção de mais escolas para os estudantes pobres, porque só quem pode estudar hoje são os ricos. Como pode um país ter futuro com seu povo sem instrução? Paralelamente a isso, é preciso melhorar o ensino que está péssimo e proporcionar mais ofertas de emprego para os que se formam. A gente faz um enorme sacrifício para chegar à universidade e quando recebe o diploma fica sem arranjar emprego. Para sair da situação em que se encontra, o país precisa ser dirigido com um bom planejamento, com seriedade, acabando de uma vez por todas com essas mordomias públicas. Além do mais, gasta-se muito dinheiro com muitas coisas que não são importantes para a comunidade, que nunca é consultada sobre suas verdadeiras necessidades, particularmente o jovem que é sempre marginalizado. Para o Brasil sair dessa situação incrível que a gente está sofrendo na pele, será necessário o Governo mudar muita coisa, invertendo certas prioridades. Acho que plantar mais é uma delas porque significa produção de alimentos. A agricultura é muito importante mesmo."

Produtor Rural — Dirceu Cortez, de 41 anos: "A situação que nós estamos atravessando é realmente muito difícil. Porém o Brasil é um dos países de maior potencial do mundo. Dificuldades nós estamos passando e continuaremos a passar ainda. Mas realmente o Brasil é um país que tem tudo para safar-se dessa situação crítica. Isto, evidentemente, vai requerer um quantitativo maior de cada um de nós, conjugado a um maior esforço de todos. Nós temos um grande potencial nos vários segmentos econômicos, principalmente no agrícola. Temos muito, ainda, o que fazer no campo da expansão e do melhoramento agropecuário. O Brasil é um país de clima quase homogêneo que oferece possibilidades quase infinitas no campo da agricultura. Aqui, dependendo do processo e da tecnologia adotados, nós podemos atingir até três safas por ano, sem que sofremos grandes intempéries, como na Europa, Estados Unidos e outros países de climas menos favoráveis. Potencialmente, poderemos vir a ser um dos maiores produtores de grãos do mundo, e isso tem uma importância vital no contexto econômico internacional. E é preciso produzir mais alimentos, estocando-os e comercializando-os com o objetivo de poupar divisas. Boa parte de países ricos industrialmente não possui áreas disponíveis para desenvolver a atividade agrícola, ao contrário do Brasil que tem todo um potencial que lhe favorece em vários sentidos. E eis aí, portanto, uma bela opção de mercado. Por tudo isso e pela experiência própria de produtor rural identificado com a atividade do campo, acredito que a agricultura possa se constituir realmente na salvação do Brasil. Mas é preciso arregaçar as mangas com muita disposição e seriedade, num esforço conjugado que necessita ser estimulado pelo Governo."

Representante Comercial — Cláudio Roberto da Paz, de 45 anos, residente no Guarã: "Claro que há salvação. Mas é bom que fique bem claro que a culpa da atual situação não pode ser jogada só nos ombros do Governo. O mal mesmo está na nossa comodidade. Temos tudo e de tudo, mas não procuramos aperfeiçoar nada. Veja três exemplos: o Japão, a Alemanha e a Itália ficaram praticamente destruídos na última guerra, quase desaparecendo do mapa. E quais são os países ricos, hoje? O Japão e a Alemanha emprestando dinheiro, a Itália levando os nossos crachás a preço de ouro. E o que é que os japoneses, os alemães e os italianos têm e que os brasileiros não têm? A verdade é que nós temos um tipo de vida muito cômoda. E isso com o país que tem o triplo ou mais da dimensão do

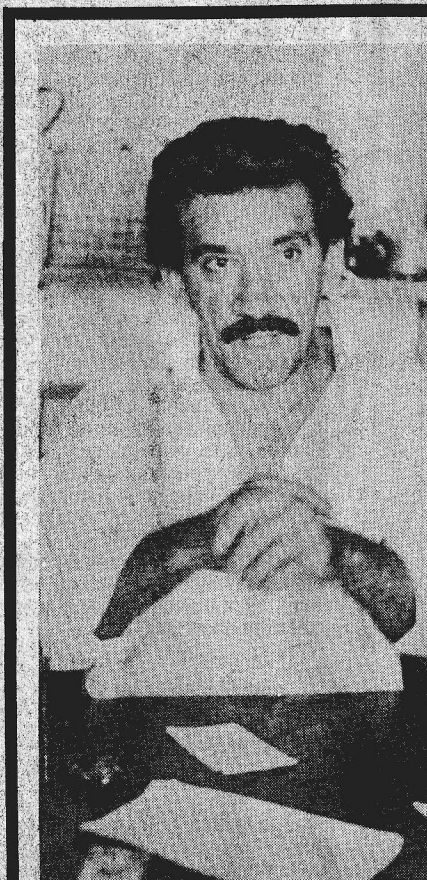
deles. Além do mais temos nessa dimensão enorme de terra riquezas que eles, que estão nos emprestando dinheiro, não têm. Veja Serra Pelada, por exemplo, onde no outro dia um garimpeiro encontrou uma pedra de ouro pesando 35 quilos. Pode um país que tem isso ficar devendo aos outros? E a nossa dívida pode ser explicada assim: você é um pai de família que não administra bem a sua casa, o que é que acontece? Claro que o seu salário não vai dar para pagar as despesas. E aí você começa a pedir emprestado aos seus amigos, mas também não paga. E o que é que acontece? Seus colegas ficam desconfiados, se não recebem, também não emprestam. E aí você fica desesperado e vai pedir ao patrão, que só empresta se encontrar garantias, exigindo que você amortize a dívida com o trabalho de horas extras. E exatamente esse é o caso do Brasil, que é o empregado, e o FMI, que é o patrão. E quais são as horas extras que o FMI está exigindo do Brasil? Simplesmente aceitar as normas das multinacionais aqui. Tudo isso aliado à nossa comodidade de não fazer nada é que está levando o nosso país à atual situação em que se encontra. E não adianta pretender combater a inflação se o governo não tiver condições de controlar as multinacionais aqui dentro."

Indio Bakairi e Estudante de Comunicação — Estevão Carlos Taukane, de 26 anos, cursando o 2º semestre de Comunicação no CEUB: "Não. Acho que está muito difícil encontrar uma saída para o Brasil. Na minha opinião, o brasileiro já foi educado como um povo desorganizado. Atualmente, fala-se muito em planejamento. Mas acontece que esse planejamento já está vindo tarde, já deveria ter vindo muito antes. Nesse planejamento o brasileiro não se contenta com o que tem, isso em termos de poder aquisitivo. Fica sempre devendo e protestando essa dívida. Então nesse caso eu acho que não vai haver solução. Torno a dizer: o brasileiro foi educado de uma maneira errada, e não está querendo se encaixar no contexto desse planejamento. Mas em toda essa dificuldade vai ter um sobrevivente: o índio. O índio vai sobreviver com aquilo que ele tem. Ele não vai além do limite dele. Fica comendo arroz, feijão, bife e peixe assado. E pra ele está tudo bem. E assim o índio conseguirá sobreviver com esses elementos básicos. Os outros brasileiros, principalmente pela influência de TV, ficam querendo comer e comprar o que não podem."

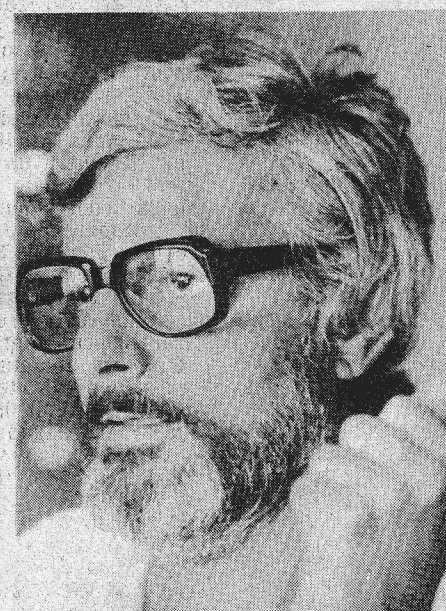
Comerciante — Francisco Xavier Filho, de 42 anos, estabelecido com loja de peças na Ceilândia: "O Brasil tem salvação, porém só se mudar o esquema lá de cima, é preciso trocar. Eles pregam economia pra gente, porém eles não fazem. Cada ministro, por exemplo, tem um avião à sua disposição ou cem passagens para dar aos seus apadrinhados. E quem paga tudo isso somos nós. E eles continuam falando em economia como solução porém só pro nosso lado, como se nós pudéssemos desviar um mundo que já está virado. E o pior é que a oposição nem pode falar. Antes ainda havia a maioria no Congresso, que era uma boa vantagem, porém depois daquele acordo que a dona Ivetê fez, o trabalhador ficou em minoria outra vez. Agora o Governo pode fabricar qualquer lei que quiser que vai passar tranquilamente. Antes das eleições houve muita promessa, mas depois que o povo votou a coisa piorou muito mesmo. E agora o senhor está me perguntando como salvar o Brasil. Repito: só mudando o esquema com uma equipe governando e não apenas um só, decidindo tudo. Esse negócio de fazer dívidas no estrangeiro sem consultar o povo tem que acabar. Cada vez que se pega dinheiro lá fora é um buraco a mais a tapar. O Governo está agindo como um chefe de família que não

Agricultura
é a salvação.
Mas só com
disposição
e seriedade

está sabendo educar seus filhos: cada um faz o que quer e ele só fica olhando. O ministro encarregado das finanças vai lá fora, pega 100 milhões de dólares emprestado e vamos ter de pagar. Pagar o que se deve é o nosso dever, porém não dessa forma. É preciso plantar mais, exportar mais e importar cada vez menos. E só assim vamos começar a sair do buraco."



Representante: Cláudio da Paz.



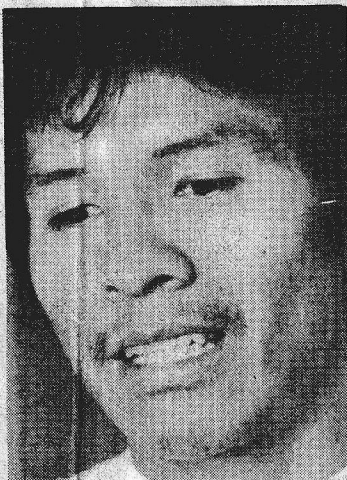
Médico: Gustavo Ribeiro



Pastor episcopal: Enil Alves



Comerciante: Francisco Xavier



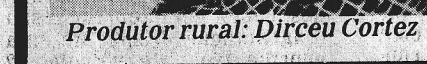
Indio: Estevão Taukane



Universitário: José Henrique



Fotógrafo: Luis Humberto



Produtor rural: Dirceu Cortez



Gerente: Hélio Resende



Balconista: Márcia Diógenes

Crescimento
da população
provoca o
desemprego.
Assim não dá

Crescimento
da população
provoca o
desemprego.
Assim não dá

Crescimento
da população
provoca o
desemprego.
Assim não dá

Crescimento
da população
provoca o
desemprego.
Assim não dá

Pastor Episcopal — Enil Alves, de 53 anos e sacerdote evangélico há 25 anos: "A situação econômica do País, e por tabela a do povo brasileiro, está muito difícil, mas é preciso encontrar uma saída. Acho que a agricultura, por exemplo, é uma excelente alternativa para essa ressurreição econômica. Plantando cana, por exemplo, e produzindo álcool é uma forma de se evitar a importação de petróleo, o que tanto onera o custo de vida e provoca a inflação. Todos sabem e sentem no bolso: toda vez que sobe o preço da gasolina, também sobem os preços dos gêneros alimentícios de primeira necessidade. Plantando e exportando os nossos produtos agrícolas, estas são as fórmulas para solucionar o problema do Brasil. A soja, o café, o trigo e outros produtos continuam tendo o melhor valor lá fora no estrangeiro. E o que é que o Brasil está esperando para se transformar numa grande potência agrícola? O Governo devia estimular de todas as formas essa política de exportação daquilo que temos facilidade de produzir, inclusive porque temos potencial para isso. Além dessa ação governamental, é preciso que se cultive a honestidade na gestão dos bens públicos e que haja sobriedade nos gastos, mas sobriedade geral e não unilateral. Acho que, adotando essa filosofia de Governo, começaremos a caminhar para sair dentro em breve dessa situação de insolvência em que se encontra o país."

Universitário — José Henrique Rocha, de 22 anos, estudante de Agronomia da UNB, cursando o penúltimo semestre: "Claro que há salvação. Mas pra sair desse buraco, a saída está no restabelecimento da democracia plena. A partir do momento em que todo brasileiro possa se expressar livremente, dessa forma podemos chegar a tomar decisões mais benéficas para o país. E o que se fez até hoje? Nada mais do que uma centralização de poder, decisões importantes que são tomadas apenas por uma dúzia de pessoas. Se o povo ou representantes legítimos desse povo tivessem realmente participação nas decisões do Governo, com certeza teríamos soluções mais bem escolhidas para os nossos problemas. E também com certeza não teríamos ou não estaríamos construindo Itaipu, a usina atômica de Angra dos Reis ou a Transamazônica. Entre outras coisas, eu acredito que a situação só começaria mesmo a melhorar se fossem fel-

tas algumas inversões nos conceitos do Governo, sendo a principal delas considerar a educação no país como verdadeiro investimento e não como despesa."

Médico — Gustavo Augusto

Crescimento
da população
provoca o
desemprego.
Assim não dá

Crescimento
da população
provoca o
desemprego.
Assim não dá

Crescimento
da população
provoca o
desemprego.
Assim não dá

tudo, for restabelecida essa confiança indispensável, o que nos levaria às eleições diretas para a Presidência da República. Sendo substituída pela legislação vigente, que foi, como eu já disse, a última esperança política para impedir a livre expressão da vontade popular."

Gerente de Banco — Hélio Resende Coelho, 30 anos de idade e há nove anos trabalhando no Banco do Estado de Santa Catarina: "Claro que há salvação, mas tem que ser baseada numa economia rigorosa. O Brasil tem condições de pagar suas dívidas, inclusive pelas muitas reservas que possui. A reserva de Carajás é apenas um exemplo. Mas um fator está contribuindo bastante para agravar essa situação: o crescimento desenfreado da população. E preciso haver um controle da natalidade, conforme está sendo processado em outros países mais desenvolvidos do que o nosso. Aqui já não temos empregos suficientes para a atual população, que continua crescendo. E preciso haver uma maior conscientização dos brasileiros no que diz respeito a uma real economia. Até quando atende a telefonema interurbano, que custa caro, o brasileiro perde tempo quando diz "um momento" e só então vai buscar o lápis ou a caneta para anotar o recado, quando já deveria estar com o lápis ou a caneta na mão. Mas isso é só um detalhe. A verdade é que o brasileiro não está preparado para dever. O brasileiro não tem condições de administrar sua própria vida pessoal, quanto mais o resto. O Brasil, do ponto de vista geográfico, é um país perfeito em todos os sentidos, não temos sequer um vulcão para atrapalhar. O problema, mesmo, está relacionado ao lado moral vislumbrado por De Gaulle já em 1960: não somos um país sério. Por outro lado, é preciso se aplicar corretamente a redução das taxas de juros, do contrário nenhum empresário vai investir. O custo do dinheiro não é porque o banco quer, é o próprio Governo que estabelece o valor das ORTN. Para colocarmos os seus papéis, todos os bancos têm de pagar uma taxa mais elevada praticada pelo Governo. Se puxar a ponta de captação, consequentemente o custo ao tomador passa a ser insustentável, e aí não há novos investimentos, consequentemente reduzindo o número de empregos. Acredito que a agricultura é a melhor alternativa para salvar o Brasil, e

os bancos de maior rentabilidade são através da agricultura. Se fixarmos o homem no campo estaremos evitando o nascimento de novas Baixadas Fluminenses ou novas Ceilândias no país. O subsídio à agricultura que está sendo retirado agora deveria ser mantido pelo menos para o pequeno agricultor, pois eles não costumam desviar esses recursos para outros fins. Os pequenos agricultores fortalecem o país através de suas cooperativas. Um exemplo disso é o Japão."

Fotógrafo e Professor — Luis Humberto Pereira, 48 anos, arquiteto, professor da UNB e fotógrafo: "Como cidadão brasileiro que sofre na pele toda essa crise econômica, tenho que acreditar na potencialidade desse país. Não é admissível que um país do tama-

O Governo só
toma decisões
unilaterais.
Não consulta
a comunidade

nho do nosso fique assim de joelhos diante do mundo. Acho que perdemos o respeito por nós mesmos. Não se pode buscar saídas mirabolantes e mágicas, que de um momento para o outro pretendem corrigir o que já vem se acentuando há algum tempo. Veja o que está acontecendo com as estatais. De repente, o Governo começa a brandir sua espada sobre a cabeça das estatais, como se de repente tivesse descoberto o valhaçouto de eventuais privilégios perfeitamente sanáveis, quando muitas dessas estatais representam a própria sustentação da economia do país, a exemplo da Petrobrás, Siderbrás e outras. Se o Governo quer mesmo encontrar saídas, que comece então desatrelando a economia brasileira de uma ordem mundial que parece a caminho da falência. Os donos da economia mundial insistem em fazer valer essa ordem mesmo que custe o sacrifício de um país

do tamanho do nosso. O problema pode ser avaliado a partir do momento em que se mobilizar a opinião pública para o assunto, não tomando decisões unilaterais em recintos absolutamente fechados com acesso a uns poucos. É preciso haver uma mobilização ampla da inteligência e da sensibilidade nacional. Tem pessoas que estão afastadas desse tipo de colaboração há muitos anos. Se não for assim, continuará aberto o caminho dos ratos. A culpa da crise econômica é de todos nós, que nos esquecemos da Nação e permitimos que a situação chegasse a esse ponto, principalmente os maus brasileiros que se venderam por trinta dinheiros."

Durante três dias, cerca de cinquenta pessoas foram entrevistadas ou contactadas pelo repórter, com apenas dez delas se dispondo a dar a sua opinião com maior profundidade, inclusive permitindo a documentação da respectiva foto.

"Está tudo errado, seu repórter. O único jeito para salvar este Brasil de delírios seria começando a colocar muita gente boa na cadeia. Veja a falácia Transamazônica, não foi um crime que fizeram?"

Mal começava a fazer o seu desabafo de cidadão brasileiro inserido no contexto de uma democracia chamada de relativa, a senhora de cabelos grisalhos e óculos com aros dourados pediu desculpas, explicando que não podia falar: "Sou professora pública. Podia dar até o nome trocado, mas pelas fotos eles me identificam e no dia seguinte estarei na rua. Não leve a mal, mas não posso falar. E bem que queria..."

E o medo se manifestou de várias formas na maioria das pessoas que abordávamos: motoristas de táxi, guardas de trânsito, professores e até uma sofrida dona-de-casa que perguntou: "falar pra jornal diminui o preço do feijão?"

Numa garagem de ônibus em Taguatinga, um grupo de motoristas se dispersou ao tomar conhecimento do tema da enquete: "O Brasil tem Salvação?" De repente, era como se o repórter e o fotógrafo do CB, perfeitamente identificados pelo letreiro do veículo do jornal, ficassem relegados a situação de agentes de espionagem, obviamente indesejáveis.

— "Olha, seu moço, se a gente falar no duro o dia seguinte tá desempregado..." disse um deles, fugindo à entrevista.